A nossa atuação, mesmo que pequena diante da enormidade do desastre (ambiental), pode ser decisiva

Our action, however small in the face of (environmental) disaster, can be decisive

Marina Zwetsch Baldez[*]

"Canoas minha terra, município de valor, coração que dentro encerra tanta bravura e tanto amor". Esse é um dos poucos trechos do hino de Canoas que eu me recordo, costumava cantar na escola quando era pequena. Nasci e cresci aqui, uma cidade que por muitos anos foi chamada de "cidade dormitório": não havia muitos atrativos, era vista quase como um bairro descolado da capital. Com o tempo, porém, Canoas foi ganhando vida própria, com novas histórias, pessoas chegando de diferentes lugares e iniciativas que deram mais movimento às ruas e mais identidade ao município. E, embora em alguns momentos da minha jornada eu tivesse vontade de me afastar dessa origem, testemunhar mais da metade da cidade submersa, silenciosa sob as águas, foi uma das experiências mais marcantes da minha vida.

As chuvas começaram no final de abril de 2024, mais precisamente no dia 27. No ano anterior, em setembro de 2023, o Vale do Taquari já havia enfrentado inundações severas, mas naquela ocasião a região metropolitana de Porto Alegre e a capital não foram atingidas. Lembro que, durante aqueles eventos, dediquei tempo para estudar quais rios deságuam no Guaíba. Essa informação foi fundamental para o meu preparo no ano seguinte, pois foi a partir dela que compreendi a gravidade do que estava prestes a acontecer, conhecimento que grande parte da população não possuía. Por isso, defendo com convicção que o acesso à informação e a construção de uma autoestima

* Pós-graduação em Design de Serviços e de Interação pela UNISINOS. Cursa Relações Internacionais na Uniritter. Atua na interseção entre design estratégico, educação, tecnologia, comunicação e inovação social, combinando criatividade e metodologias assertivas para desenvolver soluções sustentáveis, colaborativas e de impacto positivo. É fundadora da Lucia ICD, Inteligência Criativa para Desastres, e voluntária na RESAMA, Rede Sul-Americana para Migrações Ambientais. Contato: marinazwetsch@gmail.com

intelectual coletiva são cruciais para que as populações consigam identificar riscos e desenvolver autonomia, tanto na prevenção quanto na mitigação de danos causados por desastres ambientais.

Durante uma semana, acompanhei de perto a cobertura da Rádio Independente sobre a situação das cidades do Vale do Taquari. Via, quase em tempo real, as medições dos rios subirem hora a hora e os pedidos de resgate se acumularem. As prefeituras não estavam preparadas: não havia barcos nem helicópteros suficientes para atender a todos os chamados. As famílias esperaram durante horas, e até dias, por socorro. Algumas ficaram em cima de telhados, outras presas entre o forro das casas e as telhas.

Recordo, em especial, uma madrugada em que assisti, pelas câmeras de trânsito, a cidade de Lajeado sendo engolida pelas águas. Compartilhei com alguns familiares que acreditava estarmos diante de algo sem precedentes, mas ninguém compreendia a magnitude do que estava acontecendo. Me senti pessimista e, muitas vezes, cheguei a ser chamada de alarmista. A maior parte da população não tinha ideia da quantidade de água que desceria pela bacia do Guaíba. Se os órgãos públicos tivessem recursos e treinamento adequados, muitas ações preventivas poderiam ter sido realizadas. Tivemos, no mínimo, três dias de antecedência antes de sermos atingidos diretamente.

Na madrugada do dia 3 de maio de 2024, a região metropolitana e a capital começaram a sentir os efeitos da inundação. É fundamental entender que as inundações não foram causadas apenas pela chuva local, mas pelo acúmulo do volume de água em todo o estado. O índice pluviométrico da capital foi alto, mas o transbordamento ocorreu pela soma das chuvas em toda a bacia hidrográfica. Naquela sexta-feira (3 de maio), já estava claro para mim que abrigos seriam abertos e que eu atuaria como voluntária em algum deles. Era evidente que muitas pessoas seriam atingidas e precisariam abandonar suas casas.

Até o momento da abertura do primeiro abrigo, apenas alguns bairros haviam recebido alertas de evacuação, e esses alertas demoraram a chegar. Em alguns locais, carros de som passaram poucas horas antes da cota de inundação ser atingida. Em outros, sequer houve instruções claras. Mesmo com os avisos, a população não tinha real consciência da gravidade, e muitas famílias ignoraram os alertas porque acreditavam que não seriam impactadas. No bairro Rio Branco, por exemplo, houve confusão: a prefeitura solicitou evacuação num primeiro momento, mas apagou a publicação logo em seguida, afirmando que a situação estava sob controle, o que não era verdade. Ninguém teve tempo hábil para agir com segurança. Tanto os alertas quanto as instruções eram vagos e não condiziam com o que estávamos vivendo.

No início da tarde da sexta-feira, fui até o primeiro abrigo aberto em Canoas: o Centro Olímpico Municipal. Ao chegar, algumas famílias já estavam sendo acolhidas. Fiquei responsável por receber os animais resgatados. No início, eram cães e gatos que chegavam com seus tutores. Em pouco tempo, passamos a receber também galinhas, coelhos, porquinhos-da-índia, muitos em gaiolas pequenas e improvisadas. Utilizamos uma sala do ginásio para abrigar cerca de 20 cães, e os dois vestiários foram adaptados para receber mais animais. Antes de vivenciar algo assim, é difícil imaginar a complexidade envolvida: animais não vacinados, doentes, filhotes e idosos, animais no cio, fêmeas prenhes, todos juntos, vulneráveis ao estresse e a riscos biológicos. Veterinários se desdobravam para arrecadar doações e garantir o mínimo de dignidade àquelas vidas.

Por volta das 23h, percebi que o abrigo havia atingido sua capacidade máxima. Não receberíamos mais nenhuma família ou animal naquele local. O ginásio estava completamente lotado e contava com muitos voluntários. Perguntei aos coordenadores do Centro Olímpico onde mais precisavam de ajuda e fui orientada a ir até o campus da Ulbra, que estava abrindo 600 vagas. Voltei para casa, jantei, tomei banho, vesti algo confortável e, por volta das 4h da madrugada, peguei um Uber até lá. Ao chegar, a cena era devastadora: as 600 vagas haviam sido preenchidas em poucos minutos. Um prédio inteiro de três andares já estava ocupado, e começamos a abrir um ginásio. O número de abrigados na Ulbra já era cerca de três vezes o previsto. Não duvido de que, naquele momento, já estávamos atendendo a mais de 2 mil pessoas.

As pessoas chegavam de todas as formas: carros de aplicativo, motos, táxis, caçambas de caminhonetes, caminhões do Exército, de ônibus e até a pé. Uma cena me marcou particularmente: várias famílias chegavam na parte traseira daqueles caminhões que transportam tanques de oxigênio. As filas se moldavam à arquitetura do campus, ocupando várias quadras e se estendendo além do que meus olhos conseguiam enxergar. Tudo saiu do controle muito rápido. Nosso objetivo passou a ser apenas um: manter as pessoas vivas. Havia mulheres carregando seus filhos e os filhos de amigas ou parentes, crianças sozinhas ou acompanhadas de vizinhos, idosos e pessoas com deficiência. Muitas haviam caminhado por horas com água acima da cintura até conseguirem chegar a um ponto de resgate. Chegavam molhadas, com os lábios roxos, tremendo, sem nenhum pertence ou documento, vestindo apenas pijamas, em estado de choque. Algumas mães não conseguiam dizer quantos filhos tinham ou os nomes das crianças, seus olhares eram perdidos e permaneciam em silêncio, atordoadas.

Não tínhamos instruções da Defesa Civil ou da prefeitura, nem contávamos com policiamento ou estrutura de primeiros socorros. Anotávamos, em uma folha de papel na entrada do ginásio, apenas o nome de um responsável

pela família, quantas pessoas estavam junto e se traziam algum animal, e já as encaminhávamos para receber alimento quente, roupas, cobertores e colchões, se disponíveis. Durante a noite e a madrugada, helicópteros e barcos não faziam resgates. Porém, logo nas primeiras horas da manhã, quando os resgates voltaram a ocorrer, a movimentação se tornou frenética. Lembro-me de estar em uma das portas do prédio 40, um dos ginásios, de frente para o campo de futebol que havia sido transformado em heliponto, e observar cerca de dois a três helicópteros sobrevoando nossas cabeças, fazendo fila para pousar. Ainda chovia muito, e enquanto eu atendia as pessoas que chegavam, a água da chuva batia no meu rosto, mesmo dentro do prédio, devido à quantidade de aeronaves pousando e decolando para realizar os resgates.

Eram pessoas de diversos municípios, muitas famílias foram separadas, se perderam dos seus familiares e presenciamos pessoas em completo estado de desespero por não saberem como seus entes queridos estavam ou se tinham sido resgatados. A comunicação era precária: não tínhamos acesso a telefones, internet móvel ou rede wi-fi. Em menos de 24 horas, tínhamos quatro prédios lotados. O campus da Ulbra havia se transformado em uma cidade improvisada, com cerca de 8 mil pessoas abrigadas e uma rotatividade que chegava a 17 mil, o maior abrigo do estado. Tudo era feito pela própria população. Os ginásios tiveram suas redes de proteção cortadas para acolher quem chegava; salas de aula foram praticamente invadidas para abrigar pessoas que sofriam com o frio; quadras com goteiras foram enxugadas com camisetas para receber mais famílias; cadeirantes e acamados eram carregados pelos braços de voluntários escada acima por vários andares até encontrarmos uma sala capaz de comportá-los, porque não tínhamos acesso aos elevadores.

Não havia banheiros ou chuveiros suficientes, não era incomum termos conhecimento de pessoas fazendo suas necessidades fisiológicas nas áreas externas dos abrigos ou até mesmo no chão dos banheiros. Contávamos com 32 chuveiros para cerca de 8 mil pessoas, 16 para mulheres e 16 para homens, estando disponíveis apenas nos vestiários dos ginásios. Por motivos óbvios, raramente todos estavam funcionando, porque não suportavam a demanda e queimavam. Além disso, aconteceram surtos de doenças contagiosas, como escabiose, pediculose, gripes, entre outros. Em alguns momentos, inclusive, nos deparamos com pessoas com tuberculose convivendo em áreas compartilhadas. Presenciamos situações como uma tentativa de suicídio de uma adolescente, mulheres com medida protetiva vivendo no mesmo local que seus agressores, meninas sofrendo assédios de homens adultos, facções inimigas sendo alocadas em prédios localizados nos extremos do campus para ficarem afastadas, entre muitas outras. Era nítido: nós não tínhamos nenhuma estrutura para abrigar todas aquelas pessoas, e

os órgãos responsáveis estavam mais perdidos que nós. Eles não possuíam nenhum planejamento ou protocolo para tentar coordenar a situação. Eram muitos fatores complexos e necessidades distintas. As pessoas já tinham perdido todos os seus bens e estavam correndo inúmeros riscos no local que deveria ser de acolhimento.

Diante desse cenário, logo percebemos que era fundamental organizar um cadastro de pessoas para promover o encontro de famílias. Muitas pessoas chegavam desesperadas procurando familiares, mas não havia controle algum; não tínhamos nenhuma forma de informar se estavam ali ou não, nem estrutura para isso. Queríamos dizer para as famílias que seus parentes passaram por nós e que, ao menos, estavam vivos. Ao mesmo tempo, isso era desesperador para as famílias e, também, um problema para nós, porque queríamos promover esses encontros para que as pessoas pudessem ir para a casa de familiares ou amigos, onde teriam maior segurança e conforto; isso auxiliaria no problema da superlotação do abrigo.

No início, enquanto realizávamos o acolhimento das pessoas que chegavam, tentamos anotar à mão os dados básicos de identificação, mas, devido à urgência da situação, isso não foi feito de maneira adequada. Na nossa segunda tentativa, partimos para planilhas no Google Sheets. Inúmeros voluntários levaram seus próprios dispositivos, como notebooks e tablets; quando possível, também utilizamos a internet dos nossos próprios celulares, mas nem todos os aparelhos e operadoras conseguiam ter acesso à internet móvel. Em nenhum momento tivemos apoio da prefeitura para realizar essa operação, mas fomos nós que alimentamos a lista de abrigados no site oficial da prefeitura municipal de Canoas. Enquanto isso, voluntários remotos tentavam decifrar centenas de páginas escritas à mão para tentar salvar algum dado.

Após um ou dois dias, notamos que essa segunda estrutura era inviável. Eram muitas pessoas. Os voluntários abriam as planilhas por prédio e tentavam organizar da melhor forma possível. Mesmo assim, era inviável manter uma organização que perdurasse em todas as frentes. Eram muitos voluntários, a rotatividade era alta e todos sem treinamento específico, o que resultava numa qualidade da coleta de dados precária. E, para quem nunca passou por uma situação assim, pode não ser óbvio, mas quando os dados são digitados de modo errado numa planilha, não é possível encontrá-los pela busca.

Por isso, foi necessário pensar em outra solução e, em poucos dias, conseguimos firmar uma parceria com uma empresa desenvolvedora de sistemas hospitalares, além de recebermos uma doação de 7 notebooks de uma empresa de Santa Catarina. Usamos como base a estrutura de coleta de dados de um hospital, adequando conforme as necessidades do abrigo da Ulbra. Os programadores voluntários chegaram a ficar mais de 24 horas

trabalhando no projeto do sistema sem descansar. Quando a primeira versão do sistema ficou pronta, a população do abrigo já havia diminuído para cerca de 5 mil pessoas ao todo. Montamos uma operação que durou cerca de 10 dias, consistindo em frentes de cadastramento onde, em parceria com a Polícia Civil, as pessoas desabrigadas realizavam o boletim de ocorrência pela perda de documentos e, logo em seguida, já eram encaminhadas para nós com os números de CPF e RG ou RNE, em caso de imigrantes de outros países. Ali, coletamos dados de identificação, informações de saúde, necessidades especiais e registramos vínculos familiares. Cada pessoa registrada recebia uma pulseira de identificação com o número de registro no sistema AcolheRS.

Para fins de registro, nenhum dos dados coletados por esse sistema foi aproveitado ou utilizado pelo município para concessão de auxílios e benefícios.

Tudo, em todas as frentes de atuação, foi aprendido na base do erro e do acerto. Na Ulbra, meu voluntariado durou 40 dias ao total, saí por presenciar diversas situações de conflitos políticos e empresariais acontecendo por lá. Ao fazer parte da frente de cadastramento, tínhamos contato direto com a população atingida porque nosso foco era coletar a maior quantidade de informações possíveis para conseguirmos suprir as necessidades existentes dentro do abrigo. Nisso, presenciei casos extremos de violações de direitos humanos, escutei histórias de famílias completamente fragilizadas e entendi como os desastres impactam as vidas das pessoas de formas distintas. Além disso, conheci quatro pessoas incríveis que participaram comigo da coordenação dessa frente de cadastramento. Durante a nossa operação conseguimos identificar pontos de melhoria nos abrigos, casos específicos que precisavam de atenção especial, reunimos famílias.

O que ficou evidente para mim ao longo desses 40 dias é que o trabalho voluntário em situações de desastre vai muito além da solidariedade imediata: trata-se de logística, de organização, de criação de sistemas improvisados, mas, acima de tudo, de humanidade. Cada gesto, cada registro, cada reunião para tentar resolver um problema simples significava salvar vidas e minimizar o sofrimento de pessoas que já haviam perdido tudo. Aprendi que, em meio ao caos, a capacidade de ouvir, de organizar e de agir com empatia é o que faz a diferença.

Saí da Ulbra com o sentimento de dever cumprido, mas também com a convicção de que precisamos fortalecer nossas estruturas públicas e ampliar a consciência coletiva sobre prevenção e gestão de riscos. Testemunhar de perto a resiliência, a coragem e a generosidade de tantas pessoas me mostrou que, mesmo diante da adversidade mais extrema, é possível construir redes de apoio capazes de transformar o desespero em esperança. Essa experiência ficará comigo para sempre, lembrando que cada vida salva e cada vínculo restabelecido têm um valor incalculável, e que a nossa atuação, mesmo que pequena diante da enormidade do desastre, pode ser decisiva.